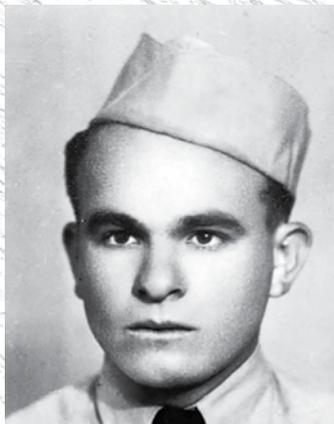


# **UM TÉCNICO EM ARMAMENTO DE AVIÕES NO ESPAÇO SANGRENTO DA ITÁLIA**



**O Sergipano Eronides João da Cruz**

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome da autora, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**

Joselito Miranda

**Fotos**

Arquivo Eronides e Divulgação

**Revisão de texto**

José Lima Santana

**Capa / Imagens**

Roseilde Reis / Freepik e Vecteezy

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

Santana, José Lima.

S232t Um técnico em armamento de aviões no espaço sangrento da Itália: o Sergipano Eronides João da Cruz./ José Lima Santana.  
- Aracaju: ArtNer, 2024.

254p.: il. 15cm x 21cm

ISBN: 978-65-83131-04-1

1. História – Sergipe- Guerra
  2. Confrontos-Luta-Sobrevivência
  3. Técnico de Armamento- Eronides João da Cruz
  4. Brasil na Guerra
  5. Brasil – Estado Novo
- I – Título

CDU: 94 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

**EDITORA ARTNER**

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

**JOSÉ LIMA SANTANA**

**UM TÉCNICO EM ARMAMENTO DE AVIÕES  
NO ESPAÇO SANGRENTO DA ITÁLIA**  
**O sergipano Eronides João da Cruz**

Aracaju-SE

EDITORA  
**ArtNer**

2024

Dedico este livro

Aos nossos Pracinhas e seus familiares.

Aos membros do GRUSEF - Grupo Sergipano  
de Estudos da FEB.

Aos meus pais, Raimundo Lima Santana  
(*in memoriam*) e Maria Pastora dos Santos.

Aos que lutam pela PAZ no mundo.

## Agradecimentos

A DEUS, pelo dom da vida e por ter permitido que eu conhecesse o tenente Eronides.

A Bianca L. Dantas Viana, pela colaboração na digitação e arrumação inicial deste livro.

---

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Um dia, as águas atlânticas entre Sergipe e Bahia foram maculadas. Do outro lado do mundo vieram o submarino e os torpedos. As praias sergipanas foram coalhadas de corpos e poucos sobreviventes. O governo brasileiro, relutante — os ministros divididos entre germanófilos e pró-aliados —, tinha que tomar a única decisão que, naquele momento, competia tomar. Ir à guerra contra o Eixo ítalo-alemão-japonês. Getúlio Vargas “enrolou” o quanto pôde. Ou suportou o que pôde suportar. No momento conveniente para o governo, brasileiros de todo o país foram chamados aos compromissos com a Pátria e com a defesa da liberdade. Sergipanos também foram à luta.

Desde algum mês de 2020, a convite de amigos, eu passei a fazer parte do GRUSEF - Grupo Sergipano de Estudos da FEB - Força Expedicionária Brasileira, que lutou na Segunda Guerra Mundial, e, mais de perto, nos campos e nos ares sangrentos da Itália. Em junho de 2021, André Cabral, que pilota aviões a jato na aviação civil, convidou-me para integrar uma equipe de quatro pessoas a fim de historiar a participação de alguns sergipanos da FEB, que combateram na aviação, cabendo a mim dissertar sobre a participação do veterano Eronides João da Cruz, um desses sergipanos, que serviu como mecânico de aviões (técnico em armamento).

Apesar dos inúmeros afazeres na vida civil e eclesiástica, não recusei o convite, embora talvez não fosse a pessoa mais indicada para integrar o “grupo dos quatro”. Todavia, se há desafios, estes devem ser enfrentados, como os nossos patrícios enfrentaram o fogo das forças opressoras nazifascistas.

Para a tarefa que me fora dada, fazia-se preciso traçar planos, buscar métodos e orientações. Afinal, como bem disse o historiador Peter Burke: “Neste universo que se expande e se fragmenta, há uma necessidade crescente de orientação” (2011, p. 9).

Não é esta a primeira vez que eu me arrisco a adentrar na seara dos registros históricos. Sem maiores pretensões, escrevi uma tosca “História do Saneamento Básico em Sergipe” (1ª edição com 388 páginas, em 1999, e 2ª edição com 580 páginas, em 2004, publicada pela Companhia de Saneamento de Sergipe - DESO, da qual sou advogado aposentado). Mas, não poderia olvidar esta orientação precisa de Burke:

Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e dos métodos. Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes para complementar os documentos oficiais. Alguns se voltaram para a história oral [...]; outros à evidência das imagens [...]; outros à estatística. Também se provou possível reler alguns tipos de registros oficiais de novas maneiras (2011, p. 25).

Orientação a ser seguida tanto quanto possível. Lição a ser assimilada ao longo das pesquisas e da escrita. Historiar é estar atento ao paradoxo que se vê contido na historiografia (“história” e “escrita”), como bem assinala Michel de Certeau, qual seja, o “do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso” (2011, p. XIII — Prefácio). Missão a ser bem ponderada e, melhor ainda, executada. E como disse Fernand Braudel: “O milagre do historiador consiste no fato de que todas as pessoas que tocamos estão extraordinariamente vivas. Trata-se de uma vitória sobre a morte” (DOSSE, 2003, p. 232).

Se o personagem real que me foi dado para sobre ele traçar linhas neste livro, ainda estava entre nós, quando da iniciativa de escrever o livro, alguma faceta dele já devia ter sucumbido pelo correr do tempo, desde o dia em que embarcou para as terras da Europa, até o final das manobras militares das quais participou, como mecânico de aviões militares, e mesmo até o dia em que o entrevistei em Curitiba, onde o bravo sergipano foi fixar morada, estando, naquele momento, com 99 anos de idade<sup>1</sup>. Contudo, o passado do qual ele foi protagonista, em meio a tantos e tantos milhões de combatentes, por terra, mar e ar, dos dois lados da Guerra e, também, não o esqueçamos, os milhões de civis que foram vítimas, fatais ou não, da guerra desembestada que findou, em 1945, em maio, na Europa, com a queda da Alemanha hitleirista, e, em agosto, na Ásia, com a rendição do Japão, ainda ressoaria na mente do veterano. Assim, são pertinentes estas palavras de François Dosse: “É assim que os historiadores vão procurar no espaço, no presente, as sequelas e os traços de um passado sempre visível” (2003, p. 247). Foi dessa forma que eu tentei.

Heródoto de Halicarnassos, cognominado o “Pai da História”, e nascido, aproximadamente, em 484 a.C., escreveu no Livro I da sua valorosa obra, que os “resultados das investigações” por ele apresentadas foram

para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles guerrearam (1988, p. 19).

Gregos e bárbaros, estes entendidos por aqueles como “todos os povos cuja língua eles [os gregos] não entendiam” (1988,

---

<sup>1</sup> Eu entrevistei o Sr. Eronides, em sua residência, na capital paranaense, na tarde do dia 18 de agosto de 2021. Lúcido, preciso nas informações, e sempre a me dizer: “Pergunte mais!”. Ele estava em companhia da Sra. Helena, sua cuidadora. Uma tarde memorável.

p. 491), guerrearam, produzindo “feitos maravilhosos e admiráveis”. As guerras, desde sempre, produziram sacrifícios, mortes, destruição, genocídios, queda ou ascensão de nações e impérios, mudanças geopolíticas etc. Na verdade, as guerras produzem feitos muito mais deploráveis do que maravilhosos e admiráveis, salvo pela coragem dos combatentes, que lutam por ideias, ou são levados a lutar sem que saibam ao certo por que ou para que lutam.

As guerras, muitas delas, começaram como uma faísca, um ponto de fogo, entre dois povos (tribos, clãs, gens, nações), que, aos poucos, foi se alastrando e arrastando para a fogueira povos circundantes, próximos ou nem tanto. Que se tome como exemplo a descrição de Tucídides (465-395 a.C.), autor de “A Guerra do Peloponeso”, que abriu o Livro I de sua obra dessa forma:

O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos; além disto, observava os demais helenos aderindo a um lado ou a outro, uns imediatamente, os restantes pensando em fazê-lo (1987, p. 19).

Um ponto de fogo a fazer arder toda a Grécia, para a supremacia de uns e a sujeição de outros. Venceu Atenas. Porque assim mesmo têm sido as guerras, as grandes guerras. Uns vencem, outros são derrotados, às vezes fragorosamente.

Por sua vez, outro historiador, Políbios, provavelmente nascido em 208 a.C., abriu desta forma o Livro I da sua “História”:

Se os historiadores anteriores a mim tivessem sido omissos no elogio da História, talvez me fosse necessário recomendar a todos os leitores a preferência para

seu estudo e uma colhida favorável aos tratados como este, pois nenhum outro corretivo é mais eficaz para os homens que o conhecimento do passado (1996, p. 41).

Conhecer o passado, não o esquecer, avivar as brasas do tempo, soprando as cinzas que, por vezes, as cobrem. É papel dos historiadores, embora eu não seja um deles, academicamente falando. Ainda que professor leigo de História Geral, nos idos de 1980, à falta de um professor habilitado à época, dou-me como um intruso nos arraiais históricos. Dos leitores eu espero a necessária compreensão.

Nossa Senhora das Dores (SE), 9 de julho de 2024.

O autor.

---

# SUMÁRIO

## PARTE I

### OS HOMENS E A GUERRA

- 1 Luta pela sobrevivência e confrontos..... 17
- 2 A Era dos Ditadores e a Segunda Grande Guerra (1939-1945) ..... 24
- 3 O poderio da aviação militar ..... 36

## PARTE II

### O BRASIL DO ESTADO NOVO

- 4 O olhar do presidente Getúlio Vargas: as notas do seu diário ..... 53

## PARTE III

### O BRASIL NA GUERRA

- 5 Nossas águas tingidas de sangue ..... 165

## PARTE IV

### O CABO PADRÃO DA FAB

- 6 O menino de Barra dos Coqueiros (SE)  
que migrou para Santos (SP) ..... 207

EPÍLOGO ..... 241

ANEXO ..... 247

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 249



Foto: Welcome to All - Janeb13 - Pixabay

---

## PARTE I

### O HOMEM E AS GUERRAS

#### 1 Luta pela sobrevivência e confrontos

É preciso, antes de tudo, considerar que vêm de longe as discussões e as teorias sobre a origem e a evolução da humanidade. Discussões e teorias religiosas ou científicas. De certo, as várias espécies de homínídeos foram se sucedendo ou convivendo, algumas delas, ao mesmo tempo, em espaços geográficos distintos. Discorrendo sobre o *Homo neanderthalensis* (“homem do vale de Neander”), o professor da Universidade de Jerusalém, Yuval Noah Harari diz:

Enquanto esses humanos evoluíam na Europa e na Ásia, a evolução na África Oriental não parou. O berço da humanidade continuou a nutrir numerosas espécies novas, como o *Homo rudolfensis* (“homem do lago Rudolf”), o *Homo ergaster* (“homem trabalhador”) e, finalmente, nossa própria espécie, que, sem modéstia alguma, denominamos *Homo sapiens* (“homem sábio”) (2016, p. 15).

O *Homo sapiens* começou a se expandir. Deixou as terras tórridas da África para ganhar o mundo, pode-se dizer. É o que confirmam Silvana Condemi e François Savatier:

Os Neandertais foram atingidos em cheio por essa explosão territorial. E parece que não conseguiram resistir a ela. A maneira como os Sapiens se espalharam

e se adaptaram a tantos ambientes sugere que eram dotados de uma grande plasticidade ecológica: fosse inovando ou copiando (que também é uma maneira de inovar), o *Sapiens* parece ter sido capaz de se adaptar e de se multiplicar sob todos os climas e ambientes que encontrou (2018, p. 161-162).

Os homínídeos suportaram as mais difíceis adversidades para garantir a sobrevivência. Intempéries do tempo, regiões inóspitas, feras terríveis e a mais temível máquina de destruição: a sua própria espécie. Por fim, tornou-se inegável a supremacia do *Homo sapiens*. É que assegura, inclusive, o texto abaixo:

Por volta de 30.000 a.C., os seres humanos anatômica-mente modernos já haviam alcançado a supremacia sobre todas as outras espécies do planeta. A partir desse momento, o desenvolvimento da história da humanidade deixou de ser o da natureza moldando seres humanos e começou a ser o dos seres humanos moldando a natureza (MIDDLETON, 1994, p. 37).

O *homo sapiens*, ou *sapiens sapiens*, logrou desenvolver-se, constituindo instituições que nos legaram até os dias de hoje. Das cavernas para as choupanas à beira de rios ou lagos, das tribos para as cidades, aos poucos o homem primitivo foi progredindo em todos os aspectos da vida. Embrutecido no início de sua afirmação/evolução, foi-se moldando às necessidades da vida social. Isoladamente frágil, aprendeu a conviver, possivelmente, quando “o bastão e o açoite dariam lugar ao cetro e à lei” (MUMFORD, 1998, p. 59).

Segundo Edward McNall Burns, “historicamente, a feição mais importante da cultura neolítica foi sem dúvida o desenvolvimento das instituições” (1975, p. 19). E elas foram surgindo em sequência. Segundo ele, o processo de constituição das

instituições poderia ter-se iniciado no período de transição entre o paleolítico inferior e o paleolítico superior (cerca de 30.000 a.C.). Lentamente, a **família** se afirmava como instituição. Seguiu-se a formação embrionária da **sociedade**. No paleolítico superior “a vida grupal tornou-se mais regular e mais altamente organizada do que antes”. No neolítico, diz ele, os núcleos urbanos primitivos começaram a se disseminar e a se aperfeiçoar. O **Estado** embrionário estaria surgindo (1975, p. 12-22). Como sabemos, o neolítico teve início cerca de 10.000 a.C. Homens e mulheres construiriam as civilizações.

Com os Estados embrionários foram surgindo os primeiros impérios, na Mesopotâmia e no Egito, inicialmente. Impérios surgiram e desapareceram. Guerreiros usaram da força para suas conquistas. As guerras varreram povos e nações, cidades e Estados. O homem seria mesmo o lobo do homem (*homo lupus homini*), como disse o comediante latino Tito Mácio Plauto (254-184 a.C.), em sua obra “Asinaria”, expressão tão bem assimilada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), no seu livro “Do Cidadão”?

Uma variação do provérbio apareceu na linha 495, na citada peça “Asinaria”: “*Lupus est homō hominī, nōn homō, quom quālis sit nōn nōvit*”, que foi traduzido como “O homem não é homem, mas um lobo, para um estranho”, ou mais precisamente “Um homem é um lobo, não um homem, para outro homem que ele ainda não conheceu”.

De qualquer forma, o mundo, na evolução da vida humana, parece ter vivido em constantes atritos. Talvez se possa mesmo dizer que o mundo jamais conheceu a paz absoluta e prolongada. O *homo sapiens* parece ter sempre vivido em conflito com o seu semelhante. Ao longo dos milênios, nações se bateram entre si, fizeram alianças umas contra as outras, deflagrando guerras avassaladoras. Os homens se mostraram guerreiros em

potencial, expandiram seus territórios ou comércios, gerando embates brutais:

Foram as planícies aluviais e quentes da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, que primeiro se abalaram pela marcha dos exércitos. Ali, por volta de 10 mil a.C., os homens deram início à extraordinária transição da coleta de alimentos para sua produção. O novo estilo de vida, que gradativamente se espalhou por todo o Oriente Médio e pelo Mediterrâneo, trouxe novas oportunidades — e também novos perigos. O conflito surgiu quando os proprietários procuraram aumentar suas terras e riquezas, sacrificando seus vizinhos, ou empenharam-se em defender o que possuíam contra os que nada tinham (FARMAN, 1995, p. 12).

Não são devidamente conhecidas as maneiras como os homens primitivos travavam suas batalhas, como eram as táticas e as técnicas empregadas. Há, contudo, certos indícios que nos levam a supor como agiam:

Pouco se sabe sobre as técnicas de luta desses exércitos embrionários, mas pinturas rupestres demonstram que lhes eram familiares as duas formações táticas básicas de linha e coluna, e que sabiam executar manobras pelos flancos.

A vida ficou perigosa do décimo milênio a.C., com o aparecimento de duas poderosas armas: o arco e a funda. Por cerca de 70 mil anos, o principal meio de matar homens ou animais tinha sido a lança. Arma versátil, ela podia ser manipulada ou arremessada e, com sua haste de madeira afiada ponta de pedra ou osso, penetrava profundamente. No entanto, o arco simples, constituído por uma madeira flexível e uma corda feita de tripa, introduziu um dramático aumento do poder

de destruição. Seu alcance de cem metros era o dobro daquele da lança. Além disso, um homem era capaz de carregar sozinho muito mais flechas do que lanças. Ainda mais mortífera do que o arco era a funda de couro, capaz de lançar projéteis que esmagavam ossos — pedras e bolotas de argila cozida — a mais de 200 metros (FARMAN, 1995, p. 13).

Com o passar do tempo, o homem foi aprimorando ainda mais as estratégias de combate e os meios empregados para fazer a guerra. Aos poucos, surgem as fortificações e os modos de lhes abalar, abrindo brechas sem precisar do lendário cavalo de Tróia. As máquinas primitivas para auxiliar os guerreiros foram sendo incorporadas. As invenções não cessavam de vir à tona:

Outra grande invenção foi o carro de guerra. Usado primeiramente na Mesopotâmia por volta de 3.000 a.C., o carro, em sua forma primitiva, era um vagão sobre rodas, sólido e desajeitado, puxado por asnos em vez de cavalos — mais adequado para transportar o aristocrático guerreiro até o campo de batalha do que para atacar as linhas inimigas. Mas foi aprimorado e, no século VIII a.C., o carro leve e com rodas raiadas, puxado por cavalos e combinando velocidade com manobrabilidade, tornou-se o braço direito dos militares (FARMAN, 1995, p. 14).

A Batalha de Megido foi um combate travado no século XV a.C. entre as forças egípcias do faraó Tutemés III e uma coalizão rebelde canaanita liderada pelo rei Cades. Esta é a primeira e mais antiga batalha com registro histórico fidedigno, com fontes arqueológicas detalhadas, que é aceita e reconhecida por muitos historiadores como autêntica. Foi também em Megido que o uso do arco composto foi registrado primeira vez. Todos os detalhes desta batalha vêm de fontes egípcias primordialmente escritas

em hieróglifos nas muralhas de Anais no Templo de Amon-Rá, em Carnac, Tebas (agora Luxor), primordialmente pelo escrivão militar Tjaneni<sup>2</sup>.

Ao longo dos séculos, guerreiros e conquistadores famosos foram deixando seus nomes na história com vitórias épicas ou derrotas fragorosas. Cambises, Nabucodonosor, Ciro, Davi, Aquiles, Leônidas, Alexandre, Pirro, Amílcar, Aníbal, Cipião Emiliano, Júlio César, Gengis Khan, George Washington, Napoleão Bonaparte, Almirante Nelson, George Custer, Touro Sentado, Cavalo Louco, Nuvem Vermelha, Gerônimo, e, entre nós brasileiros, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão, nas guerras nordestinas contra a Holanda. Nas guerras sul-americanas, Bolívar, Caxias, Tamandaré, Barroso, Solano Lopes e tantos outros. As guerras foram se sucedendo em todas as partes do mundo. No Japão, por exemplo, senhores da guerra, os Xoguns, dentre eles Minamoto no Yoritomo (1147-1199), promoveram diversas carnificinas (Kenneth Henshall, 2018, p. 53). Guerras entre países ou entre tribos fizeram do mundo um extenso campo de batalha.

Em Sergipe, na época da conquista portuguesa, no fim do século XVI, os chefes indígenas Serigy, Surubi e Aperipê comandaram seus bravos na luta contra o colonizador, mas morrendo o primeiro em combate e sendo presos os dois últimos, que morreriam na Bahia<sup>3</sup>. Porém, sobre o cacique Aperipê há controvérsia: para Porto Seguro, ele foi capturado. Para Frei Vicente do Salvador, ele fugiu e foi perseguido<sup>4</sup>. Os que morreram foi em defesa de sua terra e de sua gente, não aceitando a opressão colonizadora.

Das lanças e tacapes, dos arcos e flechas, das fundas e espadas, dos aríetes e catapultas, para as armas de fogo, os canhões,

---

2 Trevor N. Dupuy, *Evolution of Weapons and Warfare* et Nelson, Harold Hayden (1913), *The Battle of Megiddo*, Universidade de Chicago; see also Keegan, John (1993), *The History of Warfare*. Key Porter Books. ISBN 1-55013-289-X.

3 Cf. Felisbelo Freire, *História de Sergipe*, 2ª edição, 1977, p. 77.

4 Freire, 1997, p. 77.

as metralhadoras, os blindados, e, nos dias de hoje, os mísseis de longo alcance e as aterradoras ogivas nucleares. Os mares deixaram para trás as galeras antigas, que os cartagineses ensinaram aos romanos e ao mundo como delas fazer bom uso em batalhas navais, para abrir as águas de Netuno aos porta-aviões e submarinos nucleares. Os ares seriam infestados por caças e bombardeiros. No meio de tudo, o rigor excessivo das abomináveis bombas atômicas lançadas em 1945. Hiroshima e Nagasaki. O terror dos terrores. A esse propósito, diz Henshall:

A 6 de Agosto, foi lançada uma bomba atômica sobre Hiroshima. Era a primeira vez na história que tal arma era usada. Causou de imediato ou pouco depois 90.000 mortos, aproximadamente. É possível que igual número tenha morrido dos efeitos da bomba nos anos seguintes. Mais de 80% dos edifícios da cidade foram destruídos. A ausência de resposta positiva imediata por parte dos Japoneses fez com que uma segunda bomba fosse lançada a 9 de Agosto, desta vez sobre Nagasáqui. Desta resultaram 50.000 mortos imediatamente ou pouco depois e mais de 30.000 nos anos posteriores (2018, p. 183).

O homem, privilegiado com a potência do raciocínio, edificou o chamado “mundo cultural” sobre as bases do “mundo natural”. No mundo cultural estão todas as criações do homem. Ele dominou a arte de navegar e a arte de voar, esta, especialmente, pelas mãos e pela mente do brasileiro, Alberto Santos Dumont, como entendemos ser o certo, ou dos irmãos Wright, como querem os norte-americanos. Na Primeira Grande Guerra (1914-1918), o avião foi usado em várias oportunidades, algumas delas tornando-se batalhas memoráveis com destaque para alguns pilotos alemães e aliados, que seriam consagrados em suas respectivas Pátrias como verdadeiros heróis. Mas, foi na Segunda Grande

Guerra que a aviação militar teve papel decisivo. Pilotos, muitos deles jovens, combateram, tombaram ou regressaram vitoriosos de suas missões.

## **2 A Era dos Ditadores e a Segunda Grande Guerra (1939-1945)**

Tolos seriam todos aqueles que não dessem como origem remota da Segunda Grande Guerra, a de 1914-1918. A Primeira Guerra Mundial assustou e abalou o mundo, vez que foi uma guerra global, especialmente ocidental:

A guerra que começou em 1914 não foi uma guerra entre alguns poucos Estados europeus. Foi uma guerra entre impérios mundiais. Foi uma guerra no interior da civilização ocidental. E foi o primeiro sinal de que o Ocidente carregava as sementes de sua própria destruição. Nessa guerra, mais do que em qualquer conflito anterior, o Ocidente lançou seus incríveis aplicativos contra si próprio. A economia industrial forneceu os meios de destruição mecanizada. E a medicina moderna também desempenhou seu papel no negócio sanguinário da guerra total (NIALL FERGUSON, 2012, p. 216).

Depois das violências da Primeira Guerra Mundial, o mundo carecia de descanso. Exaustos encontravam-se os exércitos que estiveram em conflito. A chamada “paz violenta”, imposta pelos vencedores aos alemães derrotados, prejudicou de forma exagerada a economia germânica. Os mapas geográficos da Europa seriam alterados como nunca dantes se viu. Os tratados celebrados não seriam capazes de garantir a paz entre as nações envolvidas, como se veria duas décadas depois. Diante de circunstâncias